

INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA, HISTÓRIA DE UM TERRITÓRIO E ITINERÁRIO DOCENTE: ENTREVISTA COM PROFESSORA IRACEMA TADA

INTERFACES BETWEEN PSYCHOLOGY, HISTORY OF A TERRITORY AND TEACHING ITINERARY:

INTERVIEW WITH PROFESSOR IRACEMA TADA

Iracema Neno Cecilio Tada¹, Emellyne Lima de Medeiros Dias Lemos², Laísy de Lima Nunes³

¹Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Contato: iracematada@gmail.com

²Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: emellyne@gmail.com.

³Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Contato: laisynunes@gmail.com.

Resumo

Esta entrevista foi realizada com a Professora Iracema Neno Cecilio Tada, dia 02 de abril de 2024 e focalizou as interfaces entre a Psicologia como ciência e profissão, o estado de Rondônia e suas especificidades e o relato de um itinerário docente representativo em termos local, regional e nacional.

Palavras-chave: psicologia; Rondônia; docência.

Abstract

This interview was conducted with Professor Iracema Neno Cecilio Tada on April 2, 2024, and focused on the interfaces between Psychology as a science and profession, the state of Rondônia and its specificities, and the account of a representative teaching itinerary in local, regional, and national terms.

Keywords: psychology; Rondônia; teaching.

Editor-associado: Laísy de Lima Nunes

Recebido em: 30/04/2024

Aceito em: 06/10/2025

Publicado em: 08/12/2025

Citar: Tada, I. N. C., Lemos, E. L. de M. D., & Nunes, L. de L. (2025). Interfaces entre Psicologia, história de um território e itinerário docente: entrevista com Professora Iracema Tada. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 13(2), 01-08.

Introdução

As demandas e especificidades territoriais e socioeconômicas da região norte do país necessitam de maior visibilidade e protagonismo no debate científico nos âmbitos nacional e internacional. Dada a relevância das Instituições de Ensino Superior (IES) nesse processo, alguns

avanços podem ser observados a partir de ações coletivas de professores. Assim, com o objetivo de promover maiores reflexões a respeito da Psicologia nesse contexto e de documentar elementos que figuram a história dessa ciência e profissão na região norte do país, convidamos a Profa. Dra. *Iracema Neno Cecilio Tada* – psicóloga, mestre, doutora em Psicologia, membro da Associação Brasileira de Psicologia Escolar Educacional (ABRAPEE) – para discorrer sobre o assunto, tendo como uma das pautas este dossiê e o Seminário de Psicologia (SEP), realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Esta entrevista foi realizada online, via chamada de vídeo, no dia 02 de abril de 2024.

Laísy: Inicialmente, é um prazer tê-la concedendo esta entrevista e podendo contextualizar um pouco mais sobre o Seminário Psicologia da UNIR e as colaborações para este dossiê. Então, considerando a sua participação ao longo das edições do evento, especialmente na Comissão Científica, como você descreve a história do SEP?

Iracema: Para que eu possa falar do SEP, preciso resgatar a história do nosso PPGPSI que antes era denominado como Mestrado Acadêmico de Psicologia (MAPSI), com início em julho de 2009, após a titulação de nossos professores, pelo Doutorado Interinstitucional (DINTER) entre a UNIR e a Universidade de São Paulo (USP), na área da Psicologia. Com o término do DINTER, concorremos e fomos agraciados com o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Ação Novas Fronteiras (PROCAD-NF), em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Psicologia da USP e da Universidade Estadual de Maringá (UEM), o que contribuiu para o fortalecimento de nosso PPGPSI. Daí, com a conclusão da nossa primeira turma de mestrandos, organizamos o I SEP em 2011 a fim de divulgar as pesquisas desenvolvidas na área da Psicologia para a sociedade em geral, com o tema “Pesquisas em Educação e Saúde”. Até o momento foram realizados oito edições, com as seguintes temáticas: “50 Anos de Psicologia no Brasil: a produção do conhecimento e as desigualdades regionais”; “Mal-Estar Contemporâneo: Desafios Atuais à Educação, à Saúde e ao Trabalho”; “Psicologia e Políticas Públicas na Amazônia: Pesquisa, Formação e Atuação”; “Psicologia e Compromisso Social: Diálogos na Amazônia”; “Psicologia, democracia e direitos humanos na Amazônia”; “Avaliação Psicológica: formação, estudos e pesquisas” e “Ciência Psicológica e Saberes Amazônicos”. A ideia era fazer uma vez por ano, mas em função da pandemia e pela falta de recursos financeiros, tivemos que adiar. Em todo esse processo, contamos com o apoio do nosso Departamento de Psicologia (DEPSI) no sentido de deixar uma semana disponível para o SEP. Diante desse panorama, eu considero o SEP um evento valioso, porque oportuniza aos docentes, discentes, pesquisadores de Programas de Pós-Graduação e da Graduação, não apenas da nossa região norte, mas também de outras regiões de nosso país, apresentarem suas pesquisas, fomentando discussões pertinentes ao campo da Psicologia nas áreas da Educação, Saúde e Movimentos Sociais. Durante a minha

participação no âmbito da Comissão Científica, pude verificar a diversidade dos trabalhos inscritos, com densidade teórica e metodológica, promovendo valiosas discussões durante as apresentações e contribuindo para a formação e atuação dos profissionais da educação e da saúde, não só da região amazônica como do Brasil e a nível internacional. Isso mostra que o PPGPSI tem contribuído para uma formação de mestres que estão cientes dos temas atuais que necessitam de pesquisa e que vão ser trabalhados à luz da Psicologia. Esses trabalhos trazem questionamentos e são propositivos para o enfrentamento das desigualdades sociais, frente à população que se encontra em situação de vulnerabilidade social, como: indígenas; refugiados – nós tivemos aqui um movimento muito grande de refugiados haitianos, venezuelanos, bolivianos; temos ainda as pessoas com deficiência, altas habilidades e transtorno do espectro autista; crianças e adolescentes que se encontram em situação de abrigo; população LGBTQIA+; comunidades ribeirinhas e do campo; alunos com histórias de fracasso escolar; pessoas com transtornos mentais; medicalização da educação e da sociedade, enfim, aqueles que são excluídos em uma sociedade neoliberal como a nossa.

L: Especificamente sobre a última edição do SEP, que aconteceu em 2022 e que teve como tema “Ciência Psicológica e Saberes Amazônicos”, poderia comentar um pouco mais sobre quais contribuições você percebe que a produção científica da realidade amazônica tem oferecido para a Psicologia, nos cenários nacional e internacional? E quais as possíveis lacunas?

I: Para falar do último SEP, preciso destacar que ele ocorreu em dois formatos, remoto nos dois primeiros dias para apresentação dos trabalhos e, presencial no último dia reservado para minicursos, lançamento de livros e homenagens aos docentes que se aposentaram e em processo de aposentar. O evento foi desse modo em função da UNIR ofertar, em 2022, três semestres letivos, devido à suspensão das atividades acadêmicas, em 2020, com a Covid-19. Nessa edição, assim como nas anteriores, considero que a produção científica em Psicologia tem contribuído com a realidade do cenário local, nacional e internacional, por tratar de temas atuais, como eu disse anteriormente, trazendo questões relacionadas aos transtornos mentais, aos impactos da Covid-19 na saúde, educação e na vida do trabalhador, ao Ensino Superior, ao racismo e a temáticas diferentes do que vinha sendo abordado. Ou seja, a pesquisa, está atenta ao movimento, tanto ao que está acontecendo aqui, em nosso estado, como a nível nacional e internacional. No que diz respeito às lacunas, destaco as consequências advindas da pandemia, porque, quando as aulas eram remotas tivemos problemas com alunos que não tinham um bom computador, uma boa rede de internet e aqueles que nem computador tinham. Nossa universidade abriu um edital para aqueles que não tinham condições de ter uma boa rede ou um bom computador, para que pudessem comprar um bom computador, mas o recurso não deu conta de tudo. Então, analiso como ponto negativo do nosso último SEP, as atividades remotas no que tange as pessoas que participaram do evento tendo um computador ruim, com uma rede de internet que

caía com frequência perdendo trechos da transmissão online, bem como, a não possibilidade de poder dialogar informalmente com algum dos palestrantes, como ocorre nos eventos presenciais. Há também a questão da saúde mental da população pós-pandemia. Foi um período de perdas de entes queridos pela Covid-19, aqui perdemos a nossa querida Profa. Dra. Ana Maria de Lima Souza, do nosso PPGPSI e, isso provoca uma dor muito grande. Naquele momento, estávamos sob o impacto desses tristes acontecimentos e acredito que isso também impactou nesse evento do SEP. Mas, foi importante a sua realização, ele foi feito com a intenção de contribuir com a ciência e com a nossa saúde mental.

L: Pensando agora no movimento contrário, quais seriam as possíveis contribuições e as lacunas que você percebe da Psicologia em relação à realidade amazônica, aos seus povos, às suas instituições, às suas políticas?

I: Bom, estamos falando da nossa UNIR, do nosso mestrado, do nosso SEP, do nosso Departamento e algo que eu sempre falo é sobre o quanto é difícil manter profissionais em nosso estado. Considero que, mesmo tendo poucos docentes em nosso quadro de professores, tanto do PPGPSI quanto do DEPSI, temos conseguido contribuir com a inserção de universitários haitianos, indígenas e de pessoas com deficiência em nossa universidade, por exemplo. Problematicar junto aos órgãos competentes o que vem a ser inclusão escolar, social e do trabalho de pessoas que “fogem às normas” institucionalizadas pelo sistema neoliberal, é preciso, especialmente no que tange à comunidade ribeirinha e às pessoas em situação de rua, além de nossos docentes participarem de ações junto aos órgãos públicos do estado. Então, somos poucos, mas conseguimos fazer parcerias com o estado e com o município para o enfrentamento das demandas, principalmente em relação à realidade amazônica e dos povos amazônidas. Qual é a contribuição que o nosso PPGPSI pode dar? É por meio dessas pesquisas, ouvindo o outro, aquele que realmente precisa ser escutado. Em termos de lacunas considero que o fato de, até o ano passado, termos apenas 20 docentes atuando no DEPSI com pesquisa, extensão e ensino e destes, 12 que também atuam no PPGPSI, contribui para uma carga de trabalho bem árdua e cansativa. Tal situação denuncia a falta de professores, que ocorre na maioria dos cursos de nosso estado. Digo nosso estado porque me considero rondoniense. Outro problema é a escassez de recursos financeiros para que possamos, por exemplo, ir para o interior de nosso estado com nossos alunos desenvolver ações psicossociais, ou irmos para o Acre ou outro estado da região norte dividir conhecimentos e fazer parcerias em prol dos povos amazônidas.

L: A gente sabe que a UNIR é a única universidade pública do estado e, apesar de ter vários campi, o curso de Psicologia está localizado na capital. Nesse sentido, como você considera a história da Psicologia neste estado e o processo de construção científica e de atuação profissional, tanto em termos da docência quanto do exercício da profissão de psicólogo(a)?

I: Rondônia se tornou estado em 04 de janeiro de 1982, ou seja, não é tão antiga assim, né? No mesmo ano, em 08 de julho, foi criada a UNIR sediada na capital, Porto Velho. Nesse período, o governo contratou profissionais de Psicologia de outros estados para atuarem em áreas diversas. Somente em 1989, teve início o curso de Psicologia da UNIR e, o PPGPSI, 20 anos depois. A partir de 2005, começaram a surgir novos cursos de Psicologia da rede privada, totalizando, até o ano passado, 17 cursos, sendo cinco na capital, incluindo o da UNIR. Diante desse quadro e, considerando que muitos ex-alunos nossos que passaram pelo nosso PPGPSI, são docentes nessas faculdades privadas, inclusive agora temos alguns ex-alunos estão dando aula na Universidade Federal do Acre (UFAC), considero que os cursos de Psicologia de nosso estado têm contribuído com publicações tanto em revistas qualis A e B, como em livros de editoras renomadas. Assim como com a atuação do psicólogo em diversas áreas, contribuindo com o desenvolvimento do estado. Então, eu vejo como positivo, mas acredito que é necessário sim, uma parceria entre as IES, no sentido de avaliarmos que Rondônia temos hoje e que Rondônia queremos ter, no sentido de contribuir para o desenvolvimento das pessoas, no que tange à saúde mental, à qualidade de vida e, à valorização das tradições do povo amazônida.

L: Tendo em vista a sua trajetória como docente e pesquisadora vinculada à Universidade Federal de Rondônia e atuação por décadas nesta região, como você descreve essa história e as suas principais contribuições? E quais foram ou continuam sendo os principais desafios?

I: Eu me formei pela USP, coleí grau em janeiro de 1986 e, em função do trabalho de meu marido, médico-pesquisador, viemos para Rondônia em setembro de 1986, morar em Costa Marques, fronteira com a Bolívia, para o enfrentamento à malária. Quando a Secretaria Municipal de Educação soube que eu era psicóloga, veio me oferecer emprego como psicóloga para implantar a classe especial na escola do município. Nós estávamos no paradigma de integração, então, a classe especial era a sala de aula para os alunos com deficiência dentro de uma escola regular de ensino. Fui contratada pela prefeitura e lá trabalhei por quatro anos, dentro da minha área de atuação, pois como graduanda fiz estágio extracurricular na Sociedade Pestalozzi/SP. Em seguida, fomos para Brasília, lá fiz o mestrado pela Universidade de Brasília, com foco na relação entre pais e seus filhos com síndrome de Down. Depois, voltamos para Rondônia, residindo na capital porque meu marido era funcionário do Estado e eu, desempregada. Fui aprovada no concurso para a Secretaria de Educação (SEDUC) atuando na Educação Especial por três anos, quando surgiu o concurso para UNIR. Nunca pensei em ser professora, mas estava insatisfeita com o trabalho burocrático da SEDUC. Eu queria trabalhar com as crianças com deficiência, trabalhar com os professores. Daí, quando saiu o concurso da UNIR resolvi tentar a vaga porque assim eu poderia contribuir para a formação de futuros psicólogos escolares em prol da inclusão escolar. Fiz o concurso e fui nomeada, em 1997, como docente do curso de Psicologia da UNIR.

Assim que entrei, participei do Fórum Nacional de Educação Especial das IES, que foi uma experiência muito boa, em parceria com os professores Clarides Henrich de Barba e Mario Roberto Venere. Em 1999, fui chefe do DEPSI, quando a maior parte dos professores saíram para o mestrado, o MINTER, UNIR-USP. Nessa época organizei o primeiro Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar, na área da Psicologia da Pessoa com Necessidades Educativas Especiais, e trabalhamos nas instituições especiais para depois entrarmos nas escolas regulares. Entre 2000 e 2005, eu e mais seis professores de nosso DEPSI, fizemos o DINTER. No final de 2002, o professor Juliano Cedaro, como chefe do DEPSI, nomeou a professora Maria Hercília Junqueira, o professor Luís Alberto Matos, e eu, para criarmos o primeiro Grupo de Pesquisa do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq que denominamos de *Centro de Pesquisa em Formação da Pessoa*, nosso CEPEFOP, que foi aprovado pelo CONSEA, em 2004. Considero esse passo importante para que pudéssemos ter o nosso mestrado. Em 2006, parei de ofertar o Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar, na área da Psicologia da Pessoa com Necessidades Educativas Especiais, ofertando o Estágio em Psicologia Escolar, que daí foi até eu me aposentar, em 2023, bem como assumindo todas as disciplinas da área escolar. Em 2007, criamos o primeiro curso de especialização em Psicologia Escolar *lato sensu* gratuito, 560 horas presencial, fui a coordenadora e, a professora Vanessa Lima, que hoje atua em Santa Catarina, a vice. Como falei antes, em 2009, nosso PPGPSI teve seu início e, com o término do PROCAD-NF, lançamos o livro *Fracasso escolar, história, políticas educacionais e possibilidades de enfrentamento* (Tada, Souza, & Facci, 2020), por meio da nossa EDUFRO (Editora Universitária da UNIR). Fiz três Projetos de Extensão, o primeiro foi *Pessoas com deficiência em situação asilar em busca da inclusão social*, realizado em 2009. O segundo projeto, que mais tempo durou, de 2015 a 2018 chamou-se *Muito prazer sou autista vem me conhecer para além do rótulo*. E, em 2020, em plena pandemia, desenvolvi o projeto em modalidade remota *Educação quarentenada: desafios e possibilidades durante e pós a pandemia*, com a participação dos discentes e docentes de outras IES para falar sobre cada etapa da educação.

L: E esse material da última extensão continua disponível online?

I: Sim, no YouTube e no Facebook da Editora Temática. Tivemos pessoas da América Latina e da África assistindo, nunca pensamos que iríamos atingir pessoas do exterior e de outras regiões do nosso país. Fiquei muito feliz quando recebi uma mensagem de Costa Marques, que é a minha cidade do coração! Eu acho que nós, no Brasil, não estamos prontos ainda para ter uma educação online, remota. Para mim, a proximidade entre professor-aluno tem que ser presencial. Faço parte da ABRAPEE e criamos a ABRAPEE - Rondônia em 2005 realizando eventos locais com a participação das professoras Maria Aparecida Moysés e Cecília Collares, que abordaram a respeito da medicalização da educação, em um evento com mais de 350 participantes. A professora Adriana Marcondes Machado, o professor Lino de Macedo, as professoras Marilene Proença, Marilda Facci, Sonia Shima, entre outros

profissionais têm contribuído muito com os eventos da ABRAPEE Rondônia, que hoje está sob a coordenação da professora Luanna Freitas Johnson. Também fiz parte da ANPEPP, no período de 2015 a 2022, no GT 59 – Psicologia e Políticas Educacionais. E quais são os principais desafios, certo? Então, me aposentei no dia 10 de agosto de 2023, foi uma decisão tranquila para mim, no sentido assim, existe uma vida além de ser professora. Eu gosto muito do contato com os discentes, com os nossos colegas técnicos e docentes, com o nosso PPGPSI, com os professores das outras IES, mas agora eu quero ficar mais tempo com a minha família porque, como eu falei, com um número pequeno de professores, a sobrecarga é muito grande. Eu continuo orientando discentes e ex-alunos que me procuram, pessoas já formadas que entram em contato comigo. Tenho ainda alguns livros para publicar, um deles é sobre a história da Educação Especial de Rondônia.

L: Sobre as contribuições para as Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) na Educação Básica, publicadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019). Destaco a importância de ter representação da região norte, especificamente do estado de Rondônia, na produção de documento tão relevante.

I: É, realmente eu esqueci de falar sobre isso, e eu só participei da construção dessas Referências Básicas em função da ABRAPEE. Então, a partir do momento que criamos a ABRAPEE Rondônia, toda essa organização, penso que foi isso que motivou a eu ser convidada para contribuir. E isso são experiências que enriquecem a gente.

L: Já caminhando para nossa finalização, pensando nessas contribuições, nesses temas que você apontou e nos temas que são concentrados neste dossiê, que são o uso de psicodélicos em transtornos mentais, assédio moral e violência psicológica em docentes, imigrantes haitianos, jovens em liberdade assistida, homens negros e homossexuais, quais interfaces você cita entre eles e os seus temas de estudo? Poderíamos estabelecer algo de transversal entre eles?

I: Então, eu acho que a temática do dossiê perpassa por todos os temas que eu estudo, porque discutimos a respeito deles na Educação, como por exemplo, no Estágio em Psicologia Escolar, tivemos rodas de conversa a respeito do assédio moral, da população LGBTQIA+. Nas atividades da disciplina de *Atuação do Psicólogo Escolar*, trabalhamos com jovens em liberdade assistida, conversamos a respeito do uso de psicodélicos que sempre aparece no diálogo com os estudantes, com os professores e com a equipe técnica, assim como a respeito da violência psicológica em docentes, ou da saúde mental desses professores, não só a nível de Educação Básica como também do Ensino Superior. Eu acho que nós precisamos fomentar, como docentes de graduação em Psicologia, como docentes de programas de pós-graduação em Psicologia, a respeito da violência psicológica que estudantes e profissionais da Educação têm sofrido, para que possamos buscar formas de enfrentamento. Temos muito a caminhar, no sentido de trazer para discussão, em nossas disciplinas todos os temas que

parecem não fazerem parte da disciplina, mas que na realidade fazem parte, são muitos elementos a serem debatidos não só a nível teórico, mas a nível de pesquisa, para possamos retratar o que acontece em Rondônia e divulgar para chamar a atenção dos órgãos competentes para que possam nos ajudarmos no enfrentamento a essas situações.

L: Bem, finalizamos aqui, mais uma vez eu quero agradecer e dizer da riqueza que é lhe ouvir, saber mais sobre as suas contribuições para a Psicologia no estado de Rondônia e sobre a história da Psicologia enquanto ciência e profissão nesse território. Também foi bom saber dos seus planos sobre as próximas produções. Muito obrigada, professora Iracema.

I: Eu que agradeço, me senti muito tocada pelo convite feito pela Emellyne e por você, foi uma experiência muito rica, obrigada.

Referências bibliográficas

Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica*.

2. ed. Brasília: CFP.

Tada, I. N. C., Souza, M. P. R., & Facci, M. G. D. (2020). *Fracasso escolar: história, políticas educacionais e possibilidades de enfrentamento*. Porto Velho: EDUFRO.